

ESCUTAS DA CASA: A SOBREVIVÊNCIA DO LUGAR PELA PALAVRA

HOUSE LISTENINGS: THE SURVIVAL OF PLACE THROUGH WORDS

Bianca De-Zotti¹

Universidade Federal de Pelotas
Associado/a/e ANPAP: não

Helene Sacco²

Universidade Federal de Pelotas
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

O artigo investiga os procedimentos de escuta e conversa no contexto da prática artística a partir do processo de criação do trabalho “Escutas da Casa”, que faz parte da proposição “Não Repara a Bagunça”, que possui como objetivo ouvir histórias que outras pessoas possuem sobre as casas que já habitaram ao longo de suas vidas. Como metodologia, parto da observação do processo de criação e utilizo as contribuições de Priscila Oliveira (2023) sobre o conceito de conversa como prática artística, dialógica e colaborativa. Em um mundo caracterizado por extremos, refletir sobre a escuta e a conversa como práticas de presença, rituais que fortalecem vínculos entre uma comunidade (Han, 2023), bem como refletir sobre a sobrevivência do lugar pela palavra (Perec, 2001), constitui-se como um gesto mínimo que demarca a necessidade de pausa e presença para pensar na durabilidade do mundo.

Palavras-Chave: Conversa. Palavra. Escuta. Casa. Lugar.

ABSTRACT

The article investigates the procedures of listening and conversation within the context of artistic practice, based on the creative process of the work Escutas da Casa (Listening to the House), which is part of the project Não Repara a Bagunça (Don't Mind the Mess). This project aims to listen to stories that people have about the houses they have lived in throughout their lives. As a methodology, I begin with the observation of the creative process and draw on the contributions of Priscila Oliveira (2023) regarding the concept of conversation as an artistic, dialogical, and collaborative practice. In a world marked by extremes, reflecting on listening and conversation as practices of presence, rituals that strengthen the bonds within a community (Han, 2023), as well as reflecting on the survival of place through the word (Perec, 2001), constitutes a minimal gesture that marks the need for pause and presence in order to think about the durability of the world.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Licenciada em Letras na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5317953524790457>

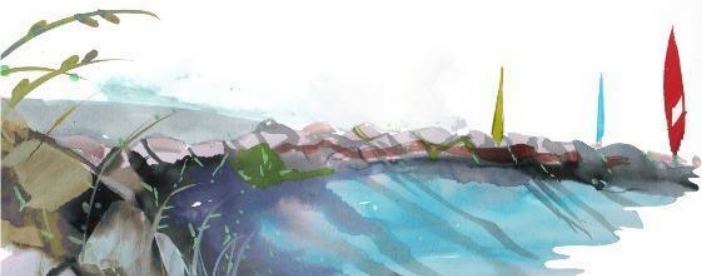
² Professora e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Artes Visuais, na linha de pesquisa em Poéticas Visuais no PPGAV/UFRGS. Possui Mestrado em Artes Visuais, com ênfase em Poéticas Visuais, pela mesma instituição. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7729369777149419>



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

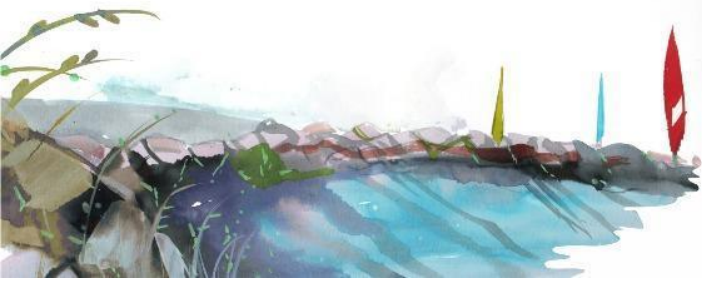
KEYWORDS: *Conversation. Words. Listening. Home. Places.*



Introdução

O artigo está vinculado à pesquisa de mestrado, que se encontra em andamento, “A leitura e a escrita como formas de sobrevivência do lugar”, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, ligada ao Grupo e Projeto de Pesquisa Lugares-Livro sob coordenação da Profa. Dra. Helene Gomes Sacco, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (PPGARTES/CA/UFPEL). Em minha pesquisa, a leitura e a escrita, situadas no campo das artes visuais, se constituem como procedimentos artísticos através dos quais busco compreender a palavra interligada com a criação poética visual, explorando a materialidade da palavra lida, falada, performada, através de diferentes linguagens, que vão do audiovisual à performance, às publicações artísticas e à criação literária.

O presente artigo investiga a escuta e a conversa no contexto da prática artística a partir do processo de criação do trabalho “Escutas da Casa” (2025), que faz parte de uma proposição intitulada “Não Repara a Bagunça”, na qual convido alguém a me convidar para visitar a sua casa a fim de ouvir as histórias que outras pessoas possuem sobre as casas que já habitaram ao longo de suas vidas. Pensando a conversa entremeada a este processo de criação, utilizo as contribuições poéticas da professora, artista e pesquisadora Priscila Oliveira (2023), sobre a conversa como prática artística dialógica e colaborativa. A obra “Sentar à Porta” (2014), da artista, é uma das referências poéticas ao trabalho apresentado, entrando em diálogo com a obra audiovisual “Narradores de Javé” (2003), dirigido por Eliane Caffé, para pensar a escuta e a conversa como práticas de presença, rituais que fortalecem vínculos entre uma comunidade (Han, 2023).

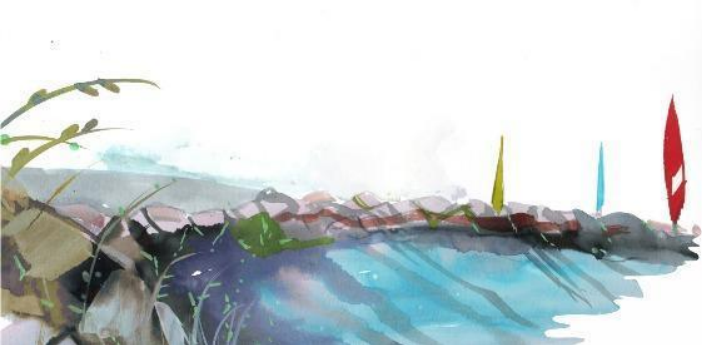


A partir de Georges Perec (2001), elaboro a ideia de sobrevivência do lugar pela palavra, refletindo também sobre como as narrativas e histórias inscrevem os sentidos dos lugares no mundo. A ideia de sobrevivência, nesse sentido, trata de uma escolha política e poética de permanecer, ainda que em movimento: pensando sobre formas de existir com o outro, modos de estar no mundo que não se resumem à lógica da produtividade e do consumo, mas que inauguram um outro tempo, que permite demoras, pausas, silêncios, que permite enraizar, pertencer, habitar, escutar o outro, escutar o lugar.

Nesse sentido, no mundo em que vivemos hoje, caracterizado por extremos no âmbito ambiental, social e político, em que a velocidade das coisas não acompanha a mesma velocidade da nossa experiência, refletir sobre a escuta e a conversa como práticas de presença, rituais que fortalecem vínculos entre uma comunidade, bem como refletir sobre a sobrevivência do lugar pela palavra, possui, em si, um gesto político de recusa a este tempo acelerado, cuja principal lógica obedece ao consumo e à produtividade, tornando a vida cada vez mais inconsistente (Han, 2023). Por fim, ressalto que não há sobrevivência possível no isolamento, precisamos que exista um “Nós” através da escuta, da conversa, da troca.

Escutas da Casa

O trabalho poético “Escutas da Casa” (2025) consiste em um áudio de 19min10s (Imagem 1), que está disponível para acesso na plataforma *Soundcloud*, que apresenta duas conversas sobre casa, construindo uma nova conversa em que a casa também se torna interlocutora. Duas casas, duas histórias de vida que se emaranham em uma conversa mediada pelo habitar. Em meio à fala, a casa se anuncia: os sons da casa também revelam algo particular daquele lugar. Os outros habitantes da casa, humanos ou não, chegando e partindo, contribuem para essa conversa.



Duas casas, duas histórias de vida que emaranham-se em uma conversa mediada pelo habitar.

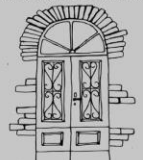
Em meio à fala, a casa se anuncia:
os sons da casa também revelam algo particular daquele lugar.
Os outros habitantes da casa, chegando e partindo, contribuem para essa conversa.

O que é que a casa tem a nos contar?

Este trabalho parte da proposição chamada Não Repara a Bagunça, no qual convido alguém a me convidar para visitar a sua casa, a fim de ouvir as histórias que outras pessoas possuem sobre as casas que já habitaram ao longo de suas vidas. "Em troca", levo um bolo para o café da tarde para acompanhar essa conversa sobre casas.

Os áudios foram gravados em maio de 2023 e, revisitados dois anos depois, em maio de 2025, essas duas casas já não existem mais da maneira como eram antes, pois suas moradoras já se mudaram.

Te convido a me convidar



Para visitar a sua casa

Logo, seria essa escuta da casa uma forma de fazer sobreviver algo daquele lugar?
Até que ponto essa escuta se torna também sobrevivência e registro de um momento, tempo e lugar?

De que forma a casa permanece?



acesse aqui o áudio "Escutas da Casa"

Imagem 1. Cartão "Escutas da Casa", 2025. Digital, 14,8 x 21 cm. Design: Bianca De-Zotti. Disponível em: <https://soundcloud.com/bianca-de-zotti/escutas-da-casa>

Este trabalho parte de uma proposição intitulada "Não Repara a Bagunça", na qual convido alguém a me convidar para visitar a sua casa, a fim de ouvir as histórias que outras pessoas possuem sobre as casas que já habitaram ao longo de suas vidas. Em troca, levo um bolo para o café da tarde para sentar à mesa e conversar sobre casas. Assim, inicio essa proposição com um convite que brinca com a indelicadeza de convidar a si mesmo para a casa de alguém: "Convido você a me convidar para visitar a sua casa". Compreendendo que as formas de habitar uma casa são múltiplas, me interesso em investigar quais são as histórias que um lugar, especificamente o espaço da casa, pode contar.

Nesse sentido, interessa aqui a perspectiva da conversa enquanto prática artística, conforme a artista e pesquisadora Priscila Oliveira (2023), que trabalha a partir da conversa como prática, propondo ações de conversas em espaços públicos e, em trabalhos mais recentes, utilizando os meios digitais, como o podcast, como plataforma de compartilhamento de vozes e saberes. Em sua tese, a autora entende a conversa como prática artística dialógica e colaborativa que se institui como modo de vida coletivo, que articula alternativas aos modelos dominantes do campo da arte



e que convoca uma sociedade-conservativa que valoriza as vozes plurais (Oliveira, 2023).

A conversa é uma linguagem artística, ela possui características estéticas, plásticas, políticas, econômicas e afetivas. Há um universo de possibilidades e formatos de conversas conforme a subjetividade de cada artista que há em seus processos e procedimentos de trabalho ou como próprio trabalho. Assim como o desenho, a conversa pode ser um processo que se caminha para chegar em um outro objetivo ou pode ser o próprio trabalho. (Oliveira, 2023, p.26)

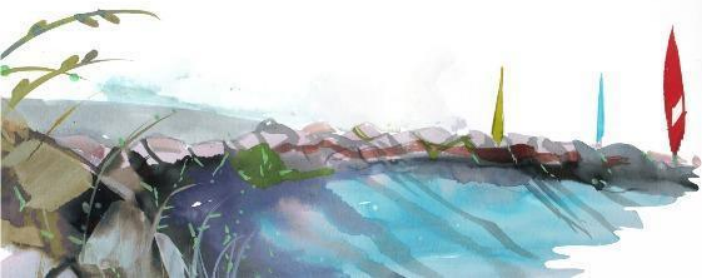
A ação Sentar à porta (Imagem 2), de Priscila Oliveira, é uma referência poética para o trabalho “Escutas da Casa” porque também aborda a questão das visitas, uma vez que a artista bate de porta em porta em uma mesma rua, convidando as pessoas a sentarem na frente de suas casas para conversar. Conforme a artista e pesquisadora, “A ação buscou reviver o hábito de sentar na calçada e através dele, discutir e ocupar o espaço urbano” (Oliveira, 2023, p.62). Assim, Sentar à Porta promove reflexões sobre os modos de viver a cidade, as formas de apropriação do espaço público, bem como estabelece conexões entre a arte e a vida cotidiana.



Imagem 2. Sentar à porta, Priscila Oliveira, 2014. Disponível em:

<https://diariodamanhapelotas.com.br/site/criar-na-cidade-projeto-sentar-a-porta-no-fragata/>

Conforme Priscila Oliveira, a conversa como prática artística não tem o objetivo de apenas representar ou indicar a existência de algo, ela é um modo de vida a ser compartilhado e, por isso, a autora aponta que trabalhos artísticos que possuem a

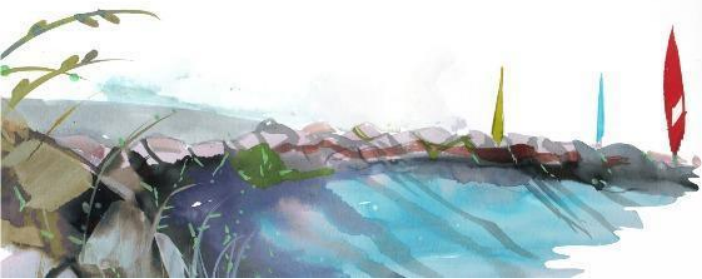


conversa como método são deslocados para o espaço expositivo como registros ou rastros dessas conversas. Além disso, uma das potencialidades da conversa como método nos trabalhos artísticos é que “As conversas criam um espaço para as relações entre seres existir, estreita laços, cria a sensação de vínculo e ligação” (Oliveira, 2023, p.23).

Os áudios em “Escutas da Casa” foram gravados em maio de 2023 e, revisitados dois anos depois, em maio de 2025, essas duas casas já não existem mais da maneira como eram antes, pois suas moradoras já se mudaram. Em minha dissertação, defendo que o espaço da casa é como uma escrita de vida: como se o lugar refletisse os diferentes rumos que a vida toma. É um espaço que está em constante construção e reconstrução: a vida acontece, e a casa se transforma conforme as mudanças nas vidas de seus moradores. Logo, seria essa escuta da casa uma forma de fazer sobreviver algo daquele lugar? Até que ponto essa escuta se torna também sobrevivência e registro de um momento, tempo e lugar passageiros, efêmeros, breves?

Estes áudios foram revisitados a partir das proposições da disciplina “Tópico especial II – Práticas artísticas conversativas: diálogo, oralidade e colaboração” (PPGAV/UFRGS), ministrada pela Prof^a Dr^a Priscila Oliveira, e a produção “Escutas da Casa” integrará uma exposição dos trabalhos realizados durante a disciplina. No espaço expositivo, o áudio será disponibilizado por meio de um dispositivo de áudio (MP3), acompanhado de um cartão que explica a proposta do trabalho, conforme mostra a imagem 1.

Os áudios passaram pelo processo de edição, pois antes ambos possuíam por volta de 1h de duração. Então, o meu critério foi encontrar pontos de encontro entre a fala das duas pessoas, de forma a construir uma conversa entre essas conversas. Conforme Priscila Oliveira (2023), a conversa como prática artística também pode gerar outras conversas através de gravações, transcrições, materiais gráficos, etc. Nesse caso, as conversas das visitas geram uma nova conversa através dessa edição da gravação que coloca as falas dessas duas pessoas em diálogo.

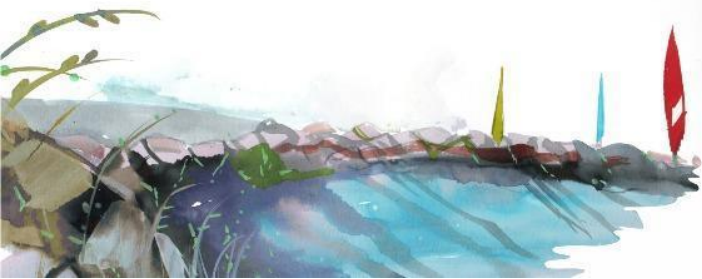


E, além disso, também gera uma conversa em que a própria casa se torna interlocutora: o que é que a casa fala através dos ruídos de fundo do áudio, sobrepostos às vozes? O cachorro se aproximando para cheirar e lambear a visita, os passarinhos cantando, os outros moradores da casa chegando e cumprimentando, pegando um pedaço do bolo, ou então saindo para o trabalho. A casa é algo tão vivo que é capaz de se fazer presente até mesmo em um registro sonoro. Mesmo sem conhecer a casa, é possível criar, a partir destas intervenções sonoras, um lugar imaginado. Ao escutar a voz de sua moradora, escutamos e imaginamos também a casa.

Durante essa visita me percebi muito mais no lugar da escuta, minha voz aparece poucas vezes no áudio. Conforme Priscila Oliveira (2023), a conversa nem sempre é um jogo equilibrado entre fala e escuta e, muitas vezes, a artista percebe o alargamento do seu lugar de escuta em suas ações de conversa, passando mais tempo escutando do que falando. De maneira geral, na minha vida, me identifico mais com o lugar de escuta do que com o lugar de fala. Aprendi a ouvir com a minha mãe, que foi assistente social durante a maior parte de sua vida, tendo a escuta como trabalho. E, nesse sentido, aprendi sobre a importância da escuta como forma de presença. Escuta é abertura: uma fresta pela qual podemos ver o mundo pelo olhar do outro. A escuta também pode ser uma visita, pois saímos dos limites do nosso próprio espaço para visitar o lugar do outro. Conforme Daniela Castro (2019), escutar também envolve partilha e ressonância:

Escutar não é compreender, há quem confunda os dois. Escutar é estar presente com aquilo que emite o som, que é seu primeiro receptor. Escutar é partilha. A imagem é evidência (*videre, ver*), o som é ressonância. Escutar vem de *auscultare*, “prestar ouvidos”, “escutar atentamente”; o dar ouvidos evoca uma intensificação e um cuidado, uma curiosidade ou uma inquietude. Os ouvidos não têm pálpebras. (Castro, 2019, s.p.)

Em minha dissertação, pesquiso a leitura e a escrita do lugar não só como uma prática artística, mas também como uma forma de sobrevivência dos lugares pela palavra. Porém, até a criação deste trabalho, nunca tinha me ocorrido a ideia de *escuta* da casa também como uma forma de sobrevivência do lugar. Georges Perec (2001), no livro “*Especies de Espacios*”, escreve que gostaria que houvesse lugares estáveis,

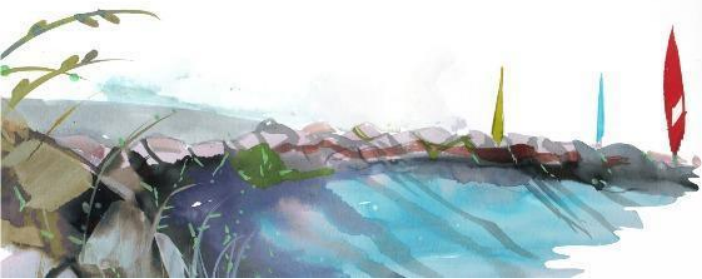


imóveis, imutáveis, mas tais lugares não existem. O espaço está sempre em dúvida: continuamente precisamos marcá-lo, designá-lo; nunca é meu, nunca me é dado, tenho sempre que conquistá-lo. Nesse sentido, conforme o autor (2001), escrever é uma tentativa de sobrevivência do lugar, de deixar um rastro.

Meus espaços são frágeis: o tempo vai desgastá-los, vai destruí-los: nada se parecerá mais com o que era, minhas memórias me trairão, o esquecimento se infiltrará na minha memória, olharei algumas fotos amareladas com as bordas rasgadas sem poder reconhecê-las. [...] O espaço se desfaz como a areia que escorrega entre os dedos. O tempo leva consigo e só me deixa alguns pedaços informes. Escrever: tentar reter algo meticulosamente, fazer algo sobreviver: arrancar algumas migalhas precisas do vazio que é continuamente cavado, deixar em algum lugar um sulco, um rastro, uma marca ou alguns sinais. (Perec, 2001, p. 139-140)

Como os lugares podem sobreviver sob a ameaça da irrevogável duração das coisas? Como a casa permanece? No mundo em que vivemos hoje, caracterizado por extremos no âmbito ambiental, social e político, em que a velocidade das coisas não acompanha a mesma velocidade da nossa experiência (ou que a nossa experiência não é capaz de acompanhar a velocidade das coisas), o que significa refletir sobre a escuta e a conversa como práticas de presença, de fortalecimento de vínculos? O que significa refletir sobre a sobrevivência do lugar pela palavra?

Conforme a pesquisadora Maria Luísa Nogueira (2017), a velocidade da vida passou a se resumir a um só tempo, o da aceleração, contudo, o tempo da narrativa é outro e não pode ser acelerado: contar e ouvir uma história de vida exigem o tempo do encontro, o tempo da delicadeza de captar aquilo que é transitório, o movimento da experiência. A escuta é fundada pela presença, pelo encontro, pelo compartilhamento, e é capaz de deslocar o Eu e o Outro: “A conversa é inversa à moralidade individualizante, é contra o discurso autoritário. A conversa é ação conjunta. É o deslocamento dos [eus] ao [nós] e/ou os [eus] posto em diálogo.” (Oliveira, 2023, p. 81). Ao contar histórias, reinscrevemos sentido no mundo, conectamos o pessoal ao coletivo. São as histórias que dão sustentação e sentido ao lugar mesmo quando tudo ao redor parece estar em estado de incerteza. É nesse sentido que a sobrevivência pela palavra oferece um rastro, uma marca: algo sutil, mas que permanece.



Pensar sobre a sobrevivência do lugar com o qual criamos esse vínculo é, portanto, refletir sobre formas de existir com o outro, sobre modos de estar no mundo que não se resumem à lógica da produtividade e do consumo. É inaugurar um outro tempo, que permite demoras, pausas, silêncios, que permite enraizar, pertencer e habitar, reconhecendo a necessidade de reduzir a velocidade da experiência, defender a lentidão, pensar na durabilidade do mundo, na permanência das coisas e dos lugares. Pensar a sobrevivência não apenas conforme o seu significado do dicionário: “Ato ou efeito de manter-se vivo, de continuar existindo” (Michaelis, 2025, s.p.), mas também como escolha política, ética e poética de permanecer, apesar de tudo e ainda que, em movimento.

A sobrevivência do lugar pela palavra

Para Byung-Chul Han (2023), filósofo, escritor e professor sul coreano, vivemos atualmente uma crise narrativa: um mundo saturado de informações, em que a narração é sufocada, a comunicação é transformada em troca de informações e, conseqüentemente, contamos cada vez menos histórias uns aos outros em nossa vida cotidiana. Para Han (2023), as histórias conectam as pessoas, criam uma comunidade e fomentam a capacidade de empatia. O ato de narrar histórias é um vínculo que pressupõe uma escuta cuidadosa e atenção profunda, que é capaz de fazer com que aquele que escuta atentamente esqueça de si mesmo, no entanto, conforme o autor, estamos perdendo cada vez mais o dom da escuta e a paciência para narrar.

O autor afirma que as narrativas criam o sentido de comunidade: “As narrativas criam coesão social. Elas contêm propostas de sentido e transportam valores constitutivos de uma comunidade” (Han, 2023, p.61). Entretanto, conforme Han (2023), no regime neoliberal, as narrativas comunitárias estão se desintegrando e se transformando em narrativas privadas, que buscam isolar as pessoas como forma de aumentar o desempenho e a produtividade. Segundo o autor (2023), enquanto as narrativas forem produzidas e consumidas como mercadorias, nenhuma comunidade estável pode ser formada, consumidores não formam uma comunidade, um Nós, não existe empatia ou solidariedade quando todos estão em competição contra todos. “Como resultado,



somos muito pobres em narrativas comunais e significativas. A proliferação de narrativas privadas leva a comunidade à erosão.” (Han, 2023, p.63).

De forma análoga, Antônio Bispo (2023) trata sobre a presença da oralidade no quilombo e a contação de histórias como uma forma de união, de compartilhamento, enquanto na cidade grande as histórias viram mercadorias a serem consumidas. Para o autor (2023), a arte é compartilhada, vai do indivíduo para o comunitarismo.

No quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos. Na cidade grande, contudo, só tem valor o que vira mercadoria. Lá não se contam histórias, apenas se escreve: escrever histórias é uma profissão. Nós contamos histórias sem cobrar nada de ninguém, o fazemos para fortalecer a nossa trajetória. E não contamos apenas as histórias dos seres humanos, contamos também histórias de bichos: macacos, onças e passarinhos. (Santos, 2023, p.25)

Algo que considero interessante ressaltar na fala dos autores é a contraposição entre a oralidade e o consumo, a produtividade e o desempenho. Conforme a fala de Antônio Bispo, o ato de contar histórias não cobra nada, pois contar histórias é uma forma de fortalecer a trajetória, de fazer sobreviver algo daquele lugar, daquelas pessoas, daquela comunidade. Assim, a oralidade possui uma relação de troca que não perpassa o lucro, mas uma troca de saberes, trocas simbólicas, trocas entre as pessoas. É como, no trabalho “Escutas da Casa”, oferecer um bolo em troca de uma conversa: implica, necessariamente, um gesto de compartilhamento. E, além disso, para mim, é uma forma de agradecer pelo tempo da outra pessoa. Porém, todas essas trocas não estão operando conforme a lógica do capital, mas na lógica das trocas simbólicas e afetivas.

O filme “Narradores de Javé”, dirigido por Eliane Caffé (2003), aborda como principais temáticas a contação de histórias, o conflito entre a narrativa oral e a escrita, bem como a relação das pessoas com o lugar onde habitam. O filme (Imagem 3) se passa na cidade de Javé, no sertão baiano, no momento em que a construção de uma usina hidrelétrica ameaça a existência do pequeno vilarejo. Zaqueu, personagem que narra o filme, rememora a história vivida pelo povo Javélico, contando como um “causo” para clientes e viajantes em seu bar, em frente à represa.

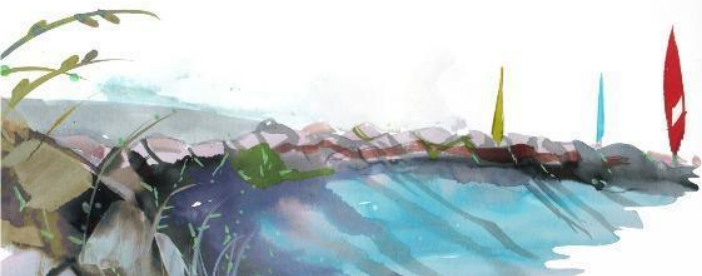


Imagem 3. Cena do filme Os narradores de Javé, 2003. Disponível em:

https://www.ebc.com.br/sites/institucional/files/thumbnails/image/narradores_de_jave_01_0.jpg

Conforme Zaqueu conta no filme, os moradores do povoado de Javé, que sempre contaram suas histórias de forma oral, se vêem obrigados a transportar suas histórias para a escrita como última esperança de salvar o lugar que habitavam. Prestes a terem que deixar o lugar por conta da construção de uma usina hidrelétrica, os moradores de Javé decidem escrever um livro contando a história da fundação da cidade na tentativa de torná-la um patrimônio histórico a ser preservado. O primeiro problema que os moradores confrontam é que ninguém no povoado sabia ler ou escrever além de Antônio Biá, um bêbado que trabalhava nos Correios e que já havia enviado cartas difamando as pessoas, mentindo e aumentando os casos do vilarejo. Agora, os moradores precisam torná-lo escrivão do Vale de Javé.

Assim que Antônio Biá assume o cargo de ouvir as histórias dos moradores sobre a origem do povoado de Javé e escrevê-las em um livro, outro dilema aparece: a tentativa de identificar, entre as histórias contadas, o que é “verdade científica, caso acontecido” e o que é invenção. A distância entre o real e a ficção se intensifica quando algumas histórias contadas começam a divergir e entrar em contradição, e

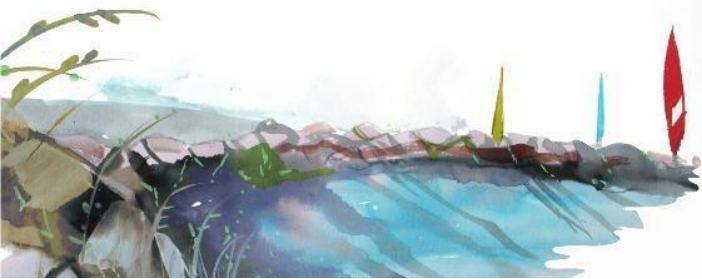


logo os moradores passam a disputar para determinar quem estava contando a narrativa verdadeira.

Quando os engenheiros chegam no vilarejo, o livro de Antônio Biá é a última esperança dos moradores para salvar o lugar ao qual pertencem, onde criaram laços afetivos, onde estão seus entes queridos, suas famílias, onde foram enterrados aqueles que já faleceram. Entretanto, Antônio Biá foge sem ter escrito nada no livro. Desacreditado de que aquele esforço resultaria em alguma coisa, Antônio Biá fala para os moradores de Javé abandonarem as suas esperanças.

Apesar disso, nas cenas finais, quando as águas sobem e inundam Javé, Antônio Biá sofre como todos os outros moradores, que precisam juntar suas coisas para procurar outro lugar para morar e reconstruir o seu lar. Ao final, o filme mostra que Antônio Biá decide, após a perda de Javé, continuar escrevendo o livro como forma de guardar a memória daquele lugar que deixou de existir. Essa mudança do personagem reflete a perspectiva da escrita como um modo de preservação da memória, bem como a sobrevivência do lugar pela palavra em meio à catástrofe.

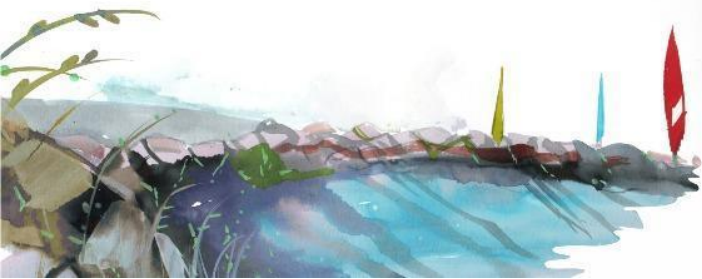
Além de desvelar as questões que cercam a transmissão de histórias através da oralidade e as aproximações entre o real e a ficção, o filme “Narradores de Javé” mostra a relação das pessoas com o lugar que habitam e tece uma crítica a algo que, infelizmente, é tão comum: a retirada forçada de pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica do lugar onde moram em razão do “progresso”. O custo desse progresso é a destruição da memória, da cultura, dos modos de vida, da identidade desses povos e comunidades, a perda do lugar. E esse custo é pago pelas pessoas que estão em maior vulnerabilidade. O filme também mostra como a contação de histórias sobre o lugar aproxima as pessoas e cria um sentimento de comunidade. Nas cenas do filme em que Antônio Biá visita as pessoas para ouvir suas histórias, apesar das brigas, os moradores também se divertem juntos. Dessa forma, retomo aqui a ideia de que o ritual de reunir-se para contar histórias cria um ritmo comum entre as pessoas.



Para Byung-Chul Han, “Os rituais podem definir-se como técnicas simbólicas de instalação num lugar. Transformam o estar-no-mundo num estar-em-casa. Tornam o mundo um lugar viável. São no tempo o que uma habitação é no espaço” (Han, 2020, p.12). Conforme o autor (2023), o ritual se direciona na contramão da sociedade acelerada que vivemos hoje; uma sociedade que carece de força simbólica, que prioriza o consumo, a constante atualização, a não repetição, e a necessidade de produzir. Na contramão, os rituais estabilizam a vida, exigem um tempo para demorar-se nas coisas, produzem uma ressonância entre as pessoas, projetam-nos na dimensão do outro, do diferente, em consonância e sintonia. Para o autor, “Sem ressonância, a pessoa é repelida e fica isolada em si mesma. O crescente narcisismo vai contra a experiência da ressonância.” (Han, 2020, p. 19).

Os rituais geram saberes, memórias, que são transmitidos pelas pessoas através do tempo. Assim, a transmissão de histórias através da oralidade e a escuta também pode se constituir como um ritual que cria ressonância entre as pessoas. Nesse sentido, o entendimento de conversa, da escuta e do ato de contar histórias perpassa, necessariamente, uma questão que pertence ao coletivo e à comunidade, uma forma de existência que exige que, para que haja um “Eu”, é preciso também haver um “Nós”. Conforme Priscila Oliveira, a conversa forma um “nós” e também pode ser pensada como um nó: “É possível pensar em [nós] como nós de corda, a conversa como o nó que entrelaça corpos e pensamentos, é dar uma volta em [nós] mesmos ou no outro em [nós] que resulte na união provisória de corpos, sentidos e fluidos” (Oliveira, 2023, p.81).

Portanto, a sobrevivência do lugar pela palavra através das práticas de escuta, escrita, leitura e de conversa se situam neste lugar de contraposição à lógica do capital que parece dominar a crise em que vivemos. Estes gestos mínimos atuam de forma sutil, porém demarcam um desejo de transformação do nosso olhar em relação ao mundo. Talvez os tempos de crise nos apontem a necessidade de pausa e de presença para pensar na durabilidade do mundo e o que podemos fazer para além de continuar existindo.



Considerações Finais

As práticas discutidas neste trabalho envolvem um estado de presença que exige “estar com”, isto é, compartilhar um espaço e um tempo. Visitar, conversar, escutar, praticar a presença, ressoar com e no outro. Tudo indica que a sobrevivência pela palavra não existe em isolamento, só é possível sobreviver quando se existe um “Nós”.

No trabalho “Escutas da Casa”, a conversa parte do âmbito pessoal, da intimidade, para adentrar também o âmbito da coletividade, pois atravessa uma vivência que é coletiva. As memórias e histórias sobre a casa, apesar de sua simplicidade, possuem um valor significativo ao serem compartilhadas, ouvidas e lidas, pois possuem o potencial de reverberar e de gerar identificação através de histórias que tratam sobre as coisas comuns, que proporcionam encontros e trocas, e que podem oferecer uma outra forma de experiência, através da arte.

Essa abordagem permite que se revele uma forma particular de olhar o espaço, pensando a materialização e ressignificação da memória no presente através de um fazer poético que parte da investigação do lugar, como um processo de escavação das memórias que se acumulam pelos cantos da casa e, assim, busca traduzir essas experiências no trabalho artístico. As memórias do lugar são atualizadas, construídas, inventadas, adquirem outros sentidos e permanecem, sobrevivendo através do fazer poético e dessa outra forma de percepção do espaço.

Referências

- CASTRO, Daniela. Sobre a escuta: o som não tem face oculta e os ouvidos não têm pálpebras. In: Meta-arquivo 1964-1985: espaço de escuta e leitura de histórias da ditadura. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.danielacastro.org/posts/sobre-a-escuta-meta-arquivo-1964-1985-espaco-de-escuta-e-leitura-de-historias-da-ditadura-sesc>. Acesso em 04 jun. 2025.
- HAN, Byung-Chul. A crise da narração. Petrópolis, RJ : Vozes, 2023.
- HAN, Byung-Chul. Do Desaparecimento dos Rituais: Uma topologia do presente. Editora Relógio D'água, 2020.
- MICHAELIS. Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 4 jun. 2025.



NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé, 2003.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al . O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei , v. 12, n. 2, p. 466-485, ago. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 10 jun. 2025.

OLIVEIRA, Priscila Costa. *Conversas: práticas artísticas dialógicas e colaborativas*. 2023. 316 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Florianópolis, 2023.

PEREC, Georges. *Especies de espacios*. Barcelona: Montesinos, 2ª ed., 2001.

Notas